

# O Real + o Lugar x Virtualização ≠ Experiência eclesial

*Fábio da Costa Sotero*<sup>1</sup>

**Resumo:** Na celebração eucarística, realidades materiais e corporais da Criação se unem a realidades não materiais. Por meio do rito, a consciência de relação e união com o Divino é exercida por processo de oração que envolve todos e tudo presente. A missa, por princípio e finalidade, reúne o povo de Deus em e para um lugar. O espaço litúrgico participa sendo local do caminho que é e direciona para comunhão com Deus. A experiência da pandemia do coronavírus Sars-Cov-2 exigiu distanciamento corporal, provocou uso de tecnologias de comunicação que permitiram trabalho remoto e acompanhamento de eventos remotamente. As missas continuaram a ser celebradas, mas com uma assembleia não fisicamente presente. Nesta situação, o que se caracteriza por espaço litúrgico? Este trabalho, por meio de uma análise moderada do tema a partir de referências bibliográficas diversificadas, faz considerações sobre a força do espaço litúrgico frente à demanda da virtualização sacramental. O usualmente disperso e pouco definido espaço celebrativo transmitido em redes sociais e vivenciado domesticamente continua a auxiliar o caminho de oração comunitário? Observa-se que a multiplicação da experiência de acompanhamento remoto da liturgia, com seus diversos lugares de celebração, alcança algo diferente do que se definiria por experiência eclesial.

**Palavras-chave:** Espaço litúrgico. Arquitetura. Comunidade. Virtual.

## INTRODUÇÃO

Neste primeiro quarto do século XXI, uma equação foi formada com variantes novas relacionando a liturgia, a saúde coletiva, a tecnologia e o lugar. A pandemia de Covid-19, provocada pelo coronavírus Sars-Cov-2, veio à tona em um momento tecnológico no qual o mundo já havia desenvolvido meios de comunicação eficientes que puderam conectar pessoas em tempo real não apenas por áudio e vídeo, mas permitindo interação. A transmissão da missa que já ocorria por canais de televisão passou também a ser realizada através de redes sociais; e suscitou mais fortemente a experiência de acompanhar a realização do Sacramento a distância. É uma excepcionalidade legítima, uma vez que medidas sanitárias elencadas para superação da pandemia exigiram distanciamento físico, restrição de serviços e limitado fluxo de pessoas.

Este trabalho, por meio de uma análise moderada de cada variante desta equação, quais sejam o real, o lugar e a virtualização, reflete sobre o resultado da experiência eclesial. A partir de referências bibliográficas diversificadas, são feitas considerações sobre a força do espaço litúrgico frente à demanda da virtualização sacramental. Primeiramente, é abordado o lugar do culto, observando especialmente a questão da presença e representatividade dos partícipes do rito. Na segunda parte, são observadas características do espaço sagrado configurado na experiência remota.

<sup>1</sup> Arquiteto e urbanista, especialista em Espaço Litúrgico e Arte Sacra, soteroarquitetura@gmail.com

## 1 TERRENO DO INEFÁVEL

O espaço sagrado é lugar de tomada de consciência do real; real entendido aqui como a plena realidade da Criação realizada e considerada por Deus, não apenas a materialidade. Para o ser humano, considera-se a consciência de sua ampla composição de naturezas material e espiritual. No espaço litúrgico – o espaço sagrado concebido e dedicado a ritos de oração e sacramentos – homens e mulheres dispõem de ambiente que, quando eficaz, propicia a consciência do ser quanto a suas fragilidades e potenciais ou, em outras palavras, limitações e graças. É lugar primaz onde a finitude humana se depara ou se dispõe em relação com o infinito divino. O lugar também é material e finito, mas, porque espaço sagrado, é como portal do transcendente: acolhe o infinito divino e encaminha realidades materiais e corporais da Criação à presença divina. É uma ação processual, de etapas, que demanda tempo e vivência.

Jean-Paul Hernández (2010, p. 354) argumenta que compromissos e comunicações rápidas aos quais a humanidade dedica bastante de seu tempo a iludem “tornar-se semelhante a Deus”, sugerindo uma falsa potência que lhe tirou “todo o resto de seu tempo, de sua vida”. Como manobra para sair do ciclo vicioso em que se encontram, muitos homens e mulheres buscam no turismo sua humanidade perdida: procuram um tempo no qual se possam encontrar, o tempo sagrado. Os monumentos religiosos se tornam altamente atrativos porque falam de um outro tempo, um tempo administrado por outra lógica. O tempo e o espaço sagrados apontam para algo imensuravelmente diferente do que, em linhas gerais, vive a humanidade. Enquanto os primeiros transcendem limites temporais ou físicos, a sociedade global se empenha vorazmente a conviver com barreiras físico-temporais.

Foquemos sobre a questão espacial. O espaço sagrado é uma categoria que exprime bastante esta singularidade: ao mesmo tempo em que ali se confessa a materialidade, finitude e fragilidade da vida, é evocada e exultada especial participação na escala do infinito. “Espaços santos são (...) ‘portas para o céu’, espaços de passagem da qualidade de existência terrena para a celeste, da divina para a humana” (MOLTMANN, 1993, p. 215). Os templos são imagens do céu, representam a cidade celestial na realidade terrena e neles os fiéis vislumbram a existência indeterminada do céu, ainda que na existência determinada da terra. De onde vem a força do espaço sagrado em ser, de tal forma, dois espaços em um?

### 1.1 CASA DO POVO DE DEUS

Diversos templos de outras religiões não são propriamente lugares de reunião de fiéis, mas espaços de culto reservados à divindade. Já o edifício cristão é, desde o início, denominado *domus ecclesiae*, ou seja, casa da Igreja, da assembleia do povo de Deus (RATZINGER, 2001, p. 59). Aqui se revela a primeira força do espaço sagrado: ser a casa do povo de Deus.

O edifício-igreja é um ambiente construído por mãos humanas, por uma motivação sociocultural e religiosa. Esta filiação aplica ao edifício, incluso o espaço litúrgico nele inserido, características próprias da sociedade que o erigiu.

Uma obra arquitetônica não é apenas um espaço cujo significado se esgota no fato de abrigar as pessoas com suas atividades específicas. Não importa se com ou sem projeto ou com que intencionalidade alguém a produz, ela se torna algo autônomo, refletindo os que a construíram, os que a habitam ou a utilizam. Mas, também ao contrário, ela pode conformar, solidificar ou modificar hábitos e mundividências. Se isso não puder ser válido para toda obra, o será obrigatoriamente para uma construção muito específica: o edifício de culto. (MORAES, 2009, p. 25)

Portanto, a igreja é retrato da comunidade que a edificou e participa continuamente da vida eclesial dessa comunidade, de geração em geração. Primeiramente, esta participação se deve pelo templo cristão acolher a assembleia de fiéis em si próprio. Um lugar tanto melhor quando funcional e mistagógico para realização do rito litúrgico agrega os crentes que buscam o tempo e o espaço sagrados.

O lugar de oração cristão não pode ser considerado um lugar de indivíduos solitários, mas sempre lugar de comunhão e comunidade. A oração por si, mesmo individual, implica uma relação. O espaço, mesmo que não seja acolhido pelo sujeito orante, é testemunha e de fato acolhedor (por vezes, auxiliador) da relação com o transcendente. Já o templo é, por natureza e função, local de oração comunitária. Ele inclusive recebe e propicia demandas individuais, mas é planejado e vivido como casa do povo de Deus. São agentes desta força a arquitetura e a arte, considerando toda a materialidade e simbologia com as quais são compostas.

A arquitetura é essencialmente uma arte: uma arte visual, uma arte plástica, uma arte espacial. Porém deve-se perceber que a experiência da arquitetura é recebida por todos os nossos sentidos e não unicamente pela visão. Assim, a qualidade do espaço é medida pela sua temperatura, sua iluminação, seu ambiente, e o modo pelo qual o espaço é servido de luz, ar e som deve ser incorporado ao conceito do espaço em si. (KAHN apud VIANNA; GONÇALVES, 2001, p. XV)

A arquitetura abriga ritos, seres, humanos, ações humanas, manifestações da natureza e divinas. O templo, portanto, é como grande arcabouço de entes, materialidades e graças que jamais seria lugar próprio de um indivíduo particular. Papa Francisco escreve que:

É impossível crer sozinhos. A fé não é só uma opção individual que se realiza na interioridade do crente, não é uma relação isolada entre o “eu” do fiel e o “Tu” divino, entre o sujeito autônomo e Deus; mas, por sua natureza, abre-se ao “nós”, verifica-se sempre dentro da comunhão da Igreja. (FRANCISCO, 2013, n. 39)

## 1.2 REPRESENTATIVIDADE DO COSMOS

Ratzinger (2001, p. 25) argumenta que Teilhard de Chardin descreveu o cosmos como um processo de ascensão, um caminho de unificação, considerando Cristo como a energia que conduz à noosfera e que, em última instância, inclui tudo em sua plenitude. Sob essa ótica, a hóstia transubstanciada no culto cristão é, para Chardin, a antecipação da transformação da matéria e sua divinização na “plenitude” cristológica. De tal forma, a Eucaristia provoca uma direção ao movimento cósmico – não apenas ao ser humano – antecipando seu fim e, ao mesmo tempo, empurrando-o para ele.

No templo, toda Criação divina usufrui da graça eucarística e é conclamada a estar presente no louvor a Deus; são exemplos a Oração Eucarística III (“tudo o que criastes proclama o vosso louvor, porque, por Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, e pela força do Espírito Santo, dais vida e santidade a todas as coisas”) e a recitação do Cântico de Daniel em festas solenes. O rito aponta a comunhão de seres animados ou não que, reunidos, são testemunhas e receptores da ação divina que transcorre ao longo da celebração. A presença de Deus no sacramento da Eucaristia é uma ação crescente e que não finda. Essa presença se dá primordialmente no espaço litúrgico, cuja arquitetura vai conceber a igreja como imagem da criação divina. Eis a razão de ser de cada um dos objetos no templo: imitar e representar o cosmos (HERNÁNDEZ, 2010, p. 360).

O Santuário Nacional de Aparecida é exemplo icônico da representatividade cósmica. A materialidade natural, a policromia viva, a arte com figuras da fauna e flora brasileiras, santos e anjos estão patentes em todo o templo e especialmente no santuário, fazendo ali presentes não apenas a assembleia de fiéis e ministros litúrgicos, mas também outras realidades criadas. Ali se percebe que a representatividade do cosmos é simbólica por excelência, pois “o cristão sabe que o realismo não pode tornar-se ideal” (RUPNIK, 2019, p. 37). Não é realista, mas real. Do que é representado não está presente apenas a materialidade do ser ou objeto em si, mas toda sua inteireza; isto é possível porque a arte é simbólica. O desenho “imperfeito” por não retratar fidedignamente a realidade visível é o que melhor retrata juntas a parcela visível e a invisível do tema. É pelo símbolo – pelo desenho que não raro a criança diz estar “torto” ou que o inculto diz estar mal-acabado – que as realidades física e metafísica são mais bem retratadas.

É como a liturgia: nós apresentamos o pão, fazemos a oferta; mais do que isso nós não podemos fazer. Esse pão pode entrar no Reino. Mas o que é a Eucaristia? (...) São João Crisóstomo responde: é o ingresso no reino de Deus. A igreja se insere no Cristo; a esposa se une ao esposo; e isso nós não podemos fazer. Nós, porém, colocamos o pão no altar e depois pedimos que o Espírito Santo desça e o pão se torne Corpo de Cristo. Por isso, a arte relacionada a Zoé nunca é perfeita segundo o homem, mas é uma disposição para que Deus possa agir. É muito importante que aprendamos isso já! (RUPNIK, 2019, p.30)

A representação e participação do cosmos implica em uma consciência corporal. O edifício-igreja é especialmente rico por promover experiências multissensoriais aos frequentadores, principalmente por valorizar a natureza real de seus elementos arquitetônicos. Historicamente, a arquitetura cristã atesta a eficácia dos materiais naturais ou verdadeiros na composição do espaço de culto. Segundo a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (2013, p. 40) “a beleza combina com a sobriedade, a sinceridade e a simplicidade; e tudo o que não colabora para evidenciar o mistério celebrado em cada tempo litúrgico deve ser considerado supérfluo e incapaz de introduzir as pessoas na celebração”.

É exemplo da eficiente participação corporal na percepção do espaço a Catedral de Monreale. Na ocasião da semana santa de 1929, a Duomo da cidade italiana comoveu Romano Guardini. O expoente teólogo descreveu como de “inefável beleza” o que encontrou na Igreja da referida cidade italiana a partir da celebração do tríduo pascal naquele templo. Ele aponta harmonia, esplêndida luminosidade (não se trata aqui de intensa iluminação), cosmos, silêncio, canto, água, povo, cores. Segundo Guardini (apud NARO, 2005, p. 3), “a amplitude e majestade do lugar abrangia todos os movimentos e cada figura, fazendo-os se interpenetrarem até se unirem”.

### 1.3 SOLEIRA DO CÉU

É possível estender a reflexão para além da materialidade e percepção de sentidos que a arquitetura e a arte sacra promovem. Considerando que a igreja cristã é lugar que congrega e celebra realidades de naturezas diferentes, o divino e a criação, a percepção do que acontece de fato ali exige sensibilidade dos fiéis, pois parte é visível e outra invisível. Louis Bouyer (2007, p. 13) afirma que a liturgia é a vida de oração e adoração que uma comunidade única realiza, a saber, o corpo místico de Cristo. A parte visível do espaço sagrado é sinal sensível do mundo invisível, é instrutora e guia para que o visitante vislumbre e até toque a parte invisível.

Arquitetos, pintores, escultores e a comunidade crente tem diante de si o desafio de construir a igreja à imagem da Igreja na sua missão e seu destino. (...) As orientações da Instrução Geral do Missal Romano não autorizam improvisar ou relegar a um plano secundário os elementos ambientais da celebração (...). O espaço é parte do mistério celebrado. (MORAES 2009, p. 48)

Entender que o espaço é parte do mistério celebrado importa bastante para compreender que as igrejas cristãs são sinais materiais de um templo espiritual (CNBB, 2013, p. 11). Segundo Marko Rupnik (2019, p. 96), a igreja é formada por duas tendas: uma é própria do homem e outra é como o círculo de Deus. Devido à ação realizada na igreja – e que sua arquitetura deveria destacar – o templo é como porta de acesso e relação entre graça e matéria, uma soleira, onde se encontram e tocam dois espaços em um, o edifício eclesial. “Quando o cristão entra na igreja, o que se encontra à sua frente? A sua origem e a sua meta” (RUPNIK, 2019, p. 99).

Ainda que para o ser humano qualquer local apresente potência para agir como soleira do céu, é cediço que há lugares mais propícios porque manifestam com maior facilidade esta realidade. Nestes lugares mais propícios, o fiel alcança maior consciência de si, se dispõe ao Outro, se esvazia (*kenosis*) e se abre a comunhão com os demais (visíveis e invisíveis). Florestas, grutas, salões, ginásios podem se tornar lugares da sintonia dos seres celebrantes diversos, mas o espaço litúrgico se sobressai, pois apresenta mais elementos que didaticamente conduzem à consciência da plenitude cristológica de todos os presentes.

A liturgia seria então uma redescoberta de nosso verdadeiro ser de criança, dentro de nós, da abertura à grandeza que está diante de nós e que ainda não se completou com a vida adulta; seria uma esperança bem definida, que antecipa a vida verdadeira, que nos introduz na vida autêntica – a da liberdade, da proximidade com Deus e da abertura recíproca total. Assim, imprime também na vida aparentemente real de cada dia os sinais antecipatórios da liberdade, que rompem as amarras e deixam o céu brilhar na terra. (RATZINGER, 2001, p. 10)

De tal forma, a concepção e projeto arquitetônicos tem um argumento razoavelmente delineado para o edifício de culto: a função litúrgica é causa final da arquitetura (PLAZAOLA, 2010, p. 934). Uma igreja bem concebida e construída age como fosse catequista servindo silenciosa e permanentemente a uma comunidade, promovendo nela a experiência eclesial consolidada.

#### 1.4 EXPERIÊNCIA ECLESIAL

A pessoa religiosa busca viver implantada no que Mircea Eliade (1992, p. 32) chama de realidade absoluta. O *Axis mundi*, onde ocorre a ligação da Terra ao Céu, fica perto da “morada” do indivíduo, ou seja, próximo de seu entendimento, seu desejo, sua atenção. Entendendo que este eixo de ligação se dá em um lugar e que, para o fiel, o espaço litúrgico é a soleira em que comumente é celebrada essa ligação, o crente busca o templo como lugar seguro para se relacionar com Deus. Como visto, o indivíduo pode ter este encontro em sua casa, no trabalho, em momentos de lazer, mas são lugares e momentos particulares. Já na igreja ele vive, com mais recursos, a experiência eclesial, a experiência de fazer parte do corpo de Cristo. São João Crisóstomo comenta sobre a composição do corpo de Cristo a partir da experiência eucarística:

Com efeito, o que é o pão? É o corpo de Cristo. E em que se transformam aqueles que o recebem? No corpo de Cristo; não muitos corpos, mas um só corpo. De facto, tal como o pão é um só apesar de constituído por muitos grãos, e estes, embora não se vejam, todavia estão no pão, de tal modo que a sua diferença desapareceu devido à sua perfeita e recíproca fusão, assim também nós estamos unidos re-

ciprocamente entre nós e, todos juntos, com Cristo. (CRISÓSTOMO apud JOÃO PAULO II, 2003, nº 23)

A ação eucarística é por excelência uma atitude de encontro. Tendo em vista que os cristãos são exultados a levar a Boa Nova para seu dia a dia e para todos, ressaltamos que a “perfeita e recíproca fusão” celebrada na eucarística se estende para além das paredes do edifício de culto. É uma postura a que o cristão se dispõe – frente ao e ao encontro do mundo. E vai além da participação na Igreja ou estar presente no edifício de culto, uma vez que:

O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude “a não ser no sincero dom de si mesmo” aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: “Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que me comunico com o outro”. (FRANCISCO, 2020, nº 87)

## 2 UM VÍRUS CHAMADO DISTÂNCIA

A pandemia do coronavírus Sars-Cov-2 iniciada em 2020 exigiu distanciamento corporal, restrição de trânsito e até interrupção de serviços em todo o mundo. Diversas denominações religiosas se depararam com o desafio de dar continuidade aos seus ofícios sem agregar presencialmente os fiéis.

### 2.1 O SANTUÁRIO LIMITADO POR UM REQUADRO

Diversos recursos tecnológicos existentes nesta década de 2020, mais ou menos disponíveis, propiciaram meios alternativos para certa “continuidade” do apostolado. Atividades como a missa, adoração ao Santíssimo Sacramento, rosário e tantas outras da Igreja Católica passaram rapidamente a ser transmitidas através de redes sociais por inúmeras catedrais, santuários, paróquias e capelas. Os fiéis, seguros em suas residências, passaram a acompanhar a distância a celebração eucarística através de celulares, TVs e computadores.

A experiência da celebração no espaço litúrgico, com toda a riqueza multissensorial e comunitária que a igreja proporciona passou a ser limitada porque passou apenas a ser vista e não mais participada. Vista por uma tela, sob a égide de um requadro, uma moldura que transmite o campo visual limitado e estático de uma câmera. É tal como a experiência de contemplar um ambiente arquitetônico através da fotografia. O observador só tem acesso a um fragmento do campo visual recolhido em um determinado fragmento de tempo; sendo ambos os fragmentos, de tempo e espaço, selecionados pelo fotógrafo. A limitação da fotografia é maior, uma vez que comove, motiva, emociona, transmite informações e dados seletivamente através unicamente da visão; os demais sentidos não participam da apreciação.

A transmissão de uma missa por TV ou redes sociais apresenta algum aprimoramento frente à fotografia: há o acréscimo do tempo. O centésimo de segundo perpetuado pela fotografia passa no vídeo a selecionar um período maior, mas também bem determinado

– muitas vezes iniciado com saudação e canto de procissão de entrada até o canto final e informes paroquiais. Ainda que o tempo seja maior, o limite visual continua enquadrado no retângulo selecionado por uma câmera ou outra. Ficam de fora: o aroma da vela; o ruído da assembleia em movimento; o gosto da hóstia; o toque na madeira ou na pedra; a representação do cosmos no templo, que é mais ampla do que o universo particular presente em um quarto de dormir.

## 2.2 UM ESPAÇO LITÚRGICO DOMÉSTICO?

Para o crente que acompanha a celebração eucarística pelo celular, em que consiste ou como se configura o espaço litúrgico? Bastam a visão do altar, do ambão e sédia filmados e enquadrados na tela? O que relataria Romano Guardini se acompanhasse a Vigília Pascal de Monreale pela TV de sua sala? A compreensão singular que tivera em 1929 não seria experimentada, qual seja, de um templo que abraça a Igreja, da formação de um corpo constituído por várias partes e que, porque reunido, é agraciado e levado à presença do Ressuscitado. O espaço litúrgico não é o doméstico. Pois o litúrgico, soleira do céu, implica em levar a um outro espaço e ser outro espaço no qual o povo de Deus peregrina. O espaço litúrgico não leva a assembleia para o cotidiano de um indivíduo, provoca movimento em direção a Deus a partir do encontro com a comunidade.

De fato, todo lugar do cosmos tem a potência para ser o *Axis mundi* de um indivíduo. A poetisa Adélia Prado expressa em sua obra a sensível capacidade de contemplar o transcendente patente na simplicidade do seu quintal, em sua mesa de refeição, em um objeto cotidiano. Na obra de Adélia há muito do que exulta Santo Inácio de Loyola: ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus. Para Inácio, “o mundo é a morada de Deus, o lugar onde o Senhor amorosamente se deixa encontrar” (BINGEMER, 2020). Todavia, a sensibilidade para ser contemplativo na ação cotidiana demanda maturidade e exercício. Sem ela, o espaço doméstico é disperso e sedutor.

## 2.3 EXPERIÊNCIAS DE APRIMORAMENTO

Algumas experiências de transmissão da celebração eucarística alcançaram maior êxito por aprimorar a experiência dos participantes, mesmo à distância, com: visibilidade à assembleia de fiéis, distribuição perceptível dos diversos ministérios, configuração de espaço sagrado no espaço cotidiano.

A comunidade da Igreja Ortodoxa Francesa no Rio de Janeiro realizou celebrações eucarísticas através de aplicativo de videoconferência, onde todos os celebrantes puderam ter contato visual com os demais. Previamente os fiéis receberam referências dos textos bíblicos que fizeram parte do rito das Leituras; e foi sugerido que preparassem seu espaço litúrgico particular com vela, incenso, pão e vinho. Durante a missa, fica evidente que o lugar no qual se encontra cada um dos fiéis é o doméstico, mas não o cotidiano.

Algumas obras dos Jesuítas no Brasil realizam uma missa diferenciada, denominada *Convivium*, com maior expressividade da espiritualidade inaciana. Com a pandemia impedindo o encontro, mas dispondo de redes sociais, aplicativos de videoconferência e ministros dispostos, foram realizadas celebrações reunindo comunidades de estados diferentes, num mesmo *Convivium*. Os ministérios foram confiados a pessoas competentes e que atuaram desde o seu próprio lar. A assembleia não é vista como na metodologia da Igreja Ortodoxa Francesa, mas a plena distribuição dos diversos ministérios na missa *Convivium* é solução que reforça a compreensão de que “há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor” (1Cor 12,4-5).

## 2.4 AUSÊNCIA E NÃO PARTICIPAÇÃO

Mesmo reconhecendo pontos positivos em certas transmissões de celebração eucarística, a presença e a participação dos fiéis continuam a ser limitadas, tal como limitada é a tela que projeta a cerimônia. Importa destacar que, dentre os cinco sentidos, a visão é o sentido que: menos demanda proximidade entre observador e o fato; o que menos envolve o observador, pois o que é visto pode estar à sua mão ou a anos-luz de distância; não relaciona tangencialmente a materialidade dos envolvidos. E a proximidade da matéria importa na liturgia, pois o símbolo do Sacramento propriamente dito é material reconhecido, oferecido, transubstanciado, distribuído e dado como alimento. A matéria é perspectiva sensível do Sacramento (FAVRETTO, 2020). Essa perspectiva não apenas se dispõe visível por olhos que acompanham o transcorrer das ações, mas é vivenciada com a inteireza dos outros sentidos.

Devido ao fato de o espaço litúrgico não ser presenciado pelo fiel que se mantém à distância, e esse espaço ser seletivamente transmitido em redes sociais, tudo o que nele ocorre materialmente fica distante. Isto não quer dizer que não haja graça proporcionada pelo momento de oração, que não seja válida, mas é diferente da experiência da missa. A distância implica ausência do indivíduo; ele está “sintonizado”, mas não presente. Convém considerar que o vocábulo participação deriva do latim e significa tomar parte (BRUSTOLIN, 2012, p. 328). Destarte, não é oportuno apontar como participação o que o fiel faz diante da virtualização da celebração eucarística. Ainda que o crente confesse firme intenção de se fazer presente, ele não está materialmente presente.

## 2.5 A EXPERIÊNCIA ECLESIAL NO UNIVERSO PARTICULAR

O lugar de presença do fiel que acompanha remotamente a celebração eucarística, seja a sala, o quarto, seja o local de trabalho, também passa a ser espaço sagrado, porque local de oração. Cláudio Pastro enfatiza que “o espaço sou eu, o espaço somos nós. E porque somos cristãos ‘Vivo, mas não sou mais eu, é Cristo que vive em mim’ (Gl 2,20), o espaço é Cristo” (PASTRO, 1999, p. 21). Objetos do mais íntimo cotidiano passam a ser testemunhas do ritual de oração e compõem assim um novo *Axis mundi* do fiel. Esta experiência com Deus se dá assistindo o rito celebrado por ministros e assembleia dispersos a distância, cada qual em um lugar.

Esta experiência ressalta certa diversidade, união e sintonia da Igreja. Mas contribui pouco para a experiência eclesial, qual seja: de agregar comunidade; de relacionar indivíduos que se fazem presentes uns aos outros; de promover fiéis conscientes de sua natureza, inclusive natureza comunitária; de ampliar a semelhança do crente com o Cristo que se encarnou e se faz próximo a todos, especialmente a quem mais precisa. A missa, por assim dizer “virtual”, limita a experiência eclesial a um universo particular disperso e individual.

## CONCLUSÃO

A experiência de missa remota limitou a percepção do espaço litúrgico à visão de uma tela, negligenciando a relevância dos demais sentidos. Não somente, dispersou o espaço litúrgico na multiplicidade de diversos lugares que simultaneamente passam a ser, cada um a seu jeito, o espaço sagrado particular de cada celebrante. A diversidade de ambiências, por maioria das vezes bastante cotidianas e corriqueiras, nas quais os fiéis assistem à celebração eucarística virtualmente, não apresentam a força simbólica e eficaz do bom espaço litúrgico em ser mistagógico, ou seja, de conduzir ao mistério. Se soma a tal condição do espaço a menor consciência da realidade cósmica que também faz parte do que é celebrado. O real que é expresso por um ambiente cotidiano de um crente tende a dizer mais de sua mundividência do que a verdade cristã. A celebração eucarística assistida a distância acalenta o coração do fiel, é um momento de oração, mas sem a força da comunidade celebrante. De tal forma, a equação trazida à tona pela Covid-19 aponta que o real somado ao lugar multiplicado pela virtualização resulta em uma experiência diferente do que se entende por eclesial.

## REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara. Deus em todas as coisas, segundo Inácio de Loyola. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/10/1025927-deus-em-todas-as-coisas-segundo-inacio-de-loyola.html> Acesso em: 8 set 2021.

BOUYER, Louis. *Architettura e liturgia*. Magnano: Edizioni Qiqajon Comunità di Bose, 2007.

BRUSTOLIN, Leomar. Eucaristia na era digital, a questão da presença e da participação. *Teocomunicação – Revista Trimestral de Teologia*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 322-342, jul/dez 2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Estudos da CNBB 106, orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo*. São Paulo, 2013.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAVRETTO, Alexandre Borati. Sacramentos online?, entenda porque não. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-05/sacramentos-online-pandemia-coronavirus.html>. Acesso em: 12 set 2021.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*, sobre a fé. Vaticano, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20130629\\_encyclica-lumen-fidei.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_encyclica-lumen-fidei.html). Acesso em: 10 ago 2021.

FRANCISCO. Carta Encíclica Fratelli Tutti, sobre a fraternidade e a amizade social. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html#\\_ftnref63](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html#_ftnref63). Acesso em: 12 set 2021.

HERNÁNDEZ, Jean-Paul. Lo spazio sacro come kerygma e mistagogia. *Rivista di Teologia dell'Evangelizzazione*, Bologna, ano 14, n. 28, p. 353-380, 2010.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Dominicae Cenae*, sobre o mistério e o culto da Santíssima Eucaristia. Vaticano, 1980. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1980/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19800224\\_dominicae-cenae.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1980/documents/hf_jp-ii_let_19800224_dominicae-cenae.html). Acesso em: 7 jun 2021.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, sobre a eucaristia na sua relação com a igreja. Vaticano, 2003. Disponível em: [https://www.vatican.va/holy\\_father/special\\_features/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_20030417\\_ecclesia\\_eucharistia\\_po.html](https://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_ecclesia_eucharistia_po.html). Acesso em: 7 jun 2021.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na Criação – Doutrinas ecológicas da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORAES, Francisco Figueiredo de. *O Espaço do Culto à Imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

NARO, Cataldo. *Amiamo la nostra Chiesa*. Disponível em: <http://www.diocesimonreale.it/amiamo-la-nostra-chiesa/>. Acesso em: 7 ago 2021.

PASTRO, Cláudio. *Guia do Espaço Sagrado*. São Paulo: Loyola, 1999.

PLAZAOLA, Juan. *Historia y Sentido del Arte Cristiano*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010.

RATZINGER, Joseph. *Introduzione allo spirito della liturgia*. Turin: Edizioni San Paolo, 2001.

VIANNA, Nelson Solano; GONÇALVES, Joana Soares. *Iluminação e Arquitetura*. São Paulo: Geros, 2001.